

O ELOGIO DA LITERATURA – Zygmunt Bauman e Riccardo Mazzeo

Rafael Montoito¹

Meu primeiro encontro com Bauman deu-se inesperadamente. Há uns cinco anos, andava incomodado com algumas percepções e sensações presentes na minha vida particular e profissional: por que os novos apartamentos à venda são cada vez menores, por que e-mails de trabalho chegam para mim em horários ou dias em que não estou trabalhando, por que tanta gente não se satisfaz em “habitar” apenas uma rede social e precisa ser onipresente em todas as da moda etc eram inquietações para as quais eu tinha opiniões, mas não respostas bem fundamentadas. Conversando sobre estes padrões atuais de comportamento, um amigo me sugeriu que lesse Bauman; disse-me que “o velhinho” tinha muito a me contar. Desde lá, os livros do sociólogo polonês têm se empilhado em minha escrivaninha e me feito companhia para muitas reflexões, escritas acadêmicas e orientações de alunos no Programa de Pós-Graduação em Educação da instituição na qual trabalho. Seria ingenuidade e presunção afirmar que Bauman respondeu todas as minhas perguntas, porém é certo dizer que ele vem desvelando-me o olhar. A partir dos seus textos, desenvolvi – processo sempre contínuo – a capacidade de perceber o mundo de outras formas, sobretudo acerca das relações sociais (interpessoais, entre os indivíduos e entre indivíduos e instituições) que estão sendo temperadas fortemente pelo malhar do consumo: vários golpes diários, constantes e ritmados, nos são dados.

Com um caminho já percorrido de leituras baumanianas, cheguei a *O Elogio da Literatura*, obra recentemente publicada no Brasil. O livro é assinado por Bauman e por Riccardo Mazzeo, tradutor para o italiano de todos os livros do sociólogo, e com quem havia dividido a escrita de *Sobre educação e juventude* (1994). Este livro é uma biblioteca em potencial, pois à medida que os autores vão discutindo tópicos caros à Sociologia e à Modernidade Líquida tendo, como disparadores de conversa, outras obras literárias,

¹ Doutor em Educação para a Ciência, professor do Programa de Pós-Graduação em Educação no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (Pelotas – RS) e coordenador do GENEP – Grupo de Estudos em Narrativas e Educação na Pós-modernidade. E-mail: xmontoito@gmail.com

imagino que os leitores, assim como aconteceu comigo, irão anotando as indicações e sentindo crescer sua vontade de lê-las. A obra, além do prefácio, tem doze capítulos, dos quais apenas oito serão comentados aqui com mais detalhes – peço licença aos leitores para furtar-me dos outros porque, visto que a quantidade de temas abordados é bem variada, fiquei à superfície de alguns sobre os quais, para falar, eu precisaria ter conhecimentos bem distantes da minha área de formação: sou graduado em Matemática e, embora seja um leitor compulsivo sobre vários assuntos, não penso que consiga escrever com propriedade sobre as relações psicológicas construídas com a figura paterna (Capítulo 4, *O problema do pai*) ou sobre os espectros do autismo (Capítulo 7, *Estamos todos nos tornando autistas?*), dentre outros². Já no prefácio, Bauman e Mazzeo, ao falarem de Sociologia e Literatura, expõem o cerne do livro:

Nós acreditamos que a relação em pauta ostenta todas as marcas de uma “rivalidade de irmãs”: uma mistura de cooperação e competição que só deve ser esperada entre seres que estejam destinados a engajar-se na busca de objetivos semelhantes, embora sejam julgados, avaliados e reconhecidos, ou tenham seu reconhecimento negado, com base em tipos de resultados distintos, ainda que comparáveis. Romances e estudos sociológicos nascem da mesma curiosidade e têm propósitos cognitivos semelhantes, compartilhando parentesco e ostentando uma aparência familiar indiscutível, palpável; elas observam os avanços uma da outra com uma mistura de admiração e ciúme camarada. Escritores de romances e de textos sociológicos exploram, em última análise, o mesmo solo: a vasta experiência de estar no mundo (BAUMAN; MAZZEO, 2020, p. 13).

A partir desta premissa, cada capítulo é um passeio por diversos corredores de alguma biblioteca imaginária da qual se extraem, para inspirar a conversa, oras livros literários, oras outros tantos sobre Sociologia, Filosofia, História etc. O primeiro capítulo, *As duas irmãs*, traz mais argumentos para defendem que “a sociologia e a literatura trabalhem juntas para aumentar nossa capacidade de avaliar e revelar a autenticidade que é obscurecida pelos véus que nos cercam e para sustentar a liberdade de ir ao encontro de nossas necessidades” (BAUMAN; MAZZEO, 2020, p. 18). Contudo, a literatura é feita de palavras, e os autores destacam que estamos vivendo uma época de supersimplificação da linguagem - resultado dos textos curtos, abreviações das mensagens enviadas, slogans que

² Também foram suprimidos desta resenha os capítulos 3 (O pêndulo e o centro vazio de Calvino) e 11 (O entricheiramento na “singularidade”). Deixo-os aqui apontados para que o leitor tenha conhecimento da amplitude do livro e dos assuntos nele tratados.

incitam ao consumo constante e músicas com refrão ou vocabulário limitadíssimo -, o que conduz ao “declínio progressivo do veículo mais importante para expressarmos nossa visão de mundo” (BAUMAN; MAZZEO, 2020, p. 21). Com esta afirmação, os autores deixam claro que banalizar o uso das palavras é limitar o pensamento e modo de entender o mundo.

No segundo capítulo, *A salvação pela literatura*, Mazzeo conta a história de Eraldo Affinati, filho de dois órfãos iletrados (sua mãe sobreviveu a um campo de concentração e seu pai era mascate), que descobriu por si só o prazer pela leitura. Affinati comprava livros usados e seu gosto por Hemingway, Tolstói e Dostoiévski cimentou seu caminho à docência. Autor do livro *Elogio del ripetente*³, Affinati “optou por ser transferido da escola secundária ‘normal’ em que dava aulas para o ambiente extremamente difícil de uma escola técnica na qual os alunos estavam a apenas um passo da exclusão do sistema acadêmico” (BAUMAN; MAZZEO, 2020, p. 35). Sobre esta história de vida, Bauman comenta o necessário papel do professor em inspirar, nos alunos, o gosto pela leitura, ainda que esta atitude pareça “uma teimosia anacrônica e irreconciliável, quase algo que envergonha todos que se esforçam neste sentido” (BAUMAN; MAZZEO, 2020, p. 37). O sociólogo ressalta que o professor tem certas “cartas” para passar aos alunos (sensibilidade, imaginação e pensamento, emoções, razão prática, sociabilidade etc), porém, para os alunos das classes mais populares, às vezes estas cartas não estão mais disponíveis e

Na maioria dos casos, esses “elos mais fracos” não têm consciência de sua perda, não havendo nenhuma oportunidade para sopesar o valor de experiências que não tiveram. O que eles ouvem nos auto-falantes públicos da nossa sociedade de consumidores de casca endurecida e sem coração, e de outros residentes dos “bairros ruins” (espaços em que eles foram jogados e os únicos em que lhes é permitido morar) - de pessoas já seduzidas pelo canto da sereia que divulgam -, é apenas e tão somente a mensagem “Queira, queira, queira!”, “Compre, compre, compre!”, “Descarte, descarte, descarte!” (BAUMAN; MAZZEO, 2020, p. 39-40).

O quinto capítulo, *A literatura e o interregno*, aborda a sensação de desorientação percebida na mudança de uma época para a outra. Mazzeo evoca a “desorientação experimentada pelos indivíduos na transição entre os séculos XIX e XX” (BAUMAN;

³ Até o momento, sem tradução para a língua portuguesa.

MAZZEO, 2020, p. 61) como bastante semelhante à atual, quando parece que “os velhos modos de viver no mundo já não funcionam mais, porém novos modos ainda não foram inventados” (BAUMAN; MAZZEO, 2020, p. 61). Para exemplificar melhor seu ponto de vista, ele cita o escritor suíço Robert Walser (1878-1956), que tinha o hábito de dar longas caminhadas contemplativas para se inspirar na escrita de suas histórias - atividade que, inclusive, é central em algumas de suas narrativas -, em discordância com uma metáfora já conhecida de Bauman sobre, nos tempos atuais, o indivíduo precisar “patinar sobre o gelo”. Na patinação não há tempo para a contemplação: se o indivíduo para, cai.

Bauman comenta que a sensação atual é a de que há mais do que apenas dois mundos (o de antes e o de agora). Isso acontece pelo emaranhado de novidades e informações que nos chegam a todo instante - eternas novidades - e que constantemente causam a sensação de “reencarnação, de ter nascido de novo, de ingressar num novo mundo” (BAUMAN; MAZZEO, 2020, p. 63). Sobre as personagens de Walser, o sociólogo aponta o que elas ainda podem nos ajudar a problematizar: a aceitação. Ao contrário do escritor Albert Camus (1913-1960), para quem rebelar-se era indispensável para existir, as personagens de Walser propõem a aceitação como ato de resistência - parece contraditório, mas, para o escritor, “a dominação pode ser invencível e destinada a durar para sempre, contudo, uma aceitação sincera de sua invencibilidade não negociável pode despojá-la de suas presas, garras e picadas tóxicas” (BAUMAN; MAZZEO, 2020, p. 66). No sexto capítulo, *O blog e o desaparecimento dos mediadores*, a conversa é fomentada pela obra de dois escritores: o primeiro é Jonathan Frazen, cujo livro *Farther away*⁴ levou Mazzeo a concordar “completamente com o ponto de vista dele sobre a influência sedutora de seu BlackBerry último modelo e sobre o potencial destrutivo do aspecto de ‘facilitação’ propiciado pela tecnologia” (BAUMAN; MAZZEO, 2020, p. 68); o segundo, Karl Kraus (1874-1936), que fundou, em 1899, a revista *Die Fackel*⁵, que Mazzeo diz ter sido uma espécie de precursora dos blogs atuais, pois

(...) entre 1911 e 1936, o autor escreveu todos os artigos ele mesmo, cumulando-os de seu gênio criativo e de seu veneno. A principal diferença em relação aos blogs contemporâneos é que, ao passo que estes não têm sequência e alcançam sucesso fugaz, *Die Fackel* foi lida pelas figuras mais

⁴ Até o momento, sem tradução para a língua portuguesa.

⁵ A Tocha

eminentes da época da Europa Central, incluindo Freud, Kafka, Ludwig Wittgenstein, Thomas Mann, Adorno e Walter Benjamin; outra diferença é que a escrita de Kraus era extremamente complexa e de tom deliberadamente críptico, a fim de desestimular intimidades com mentes mais banais (BAUMAN; MAZZEO, 2020, p. 69).

Cada um destes escritores representa uma de duas questões atuais: por um lado, o fato censurável de as mídias darem notícias e informações “mastigadas” (algo que Kraus, cem anos atrás, já vislumbrava) e a sensação de satisfação provocada, no indivíduo, pelo uso de mídias sociais e aparelhos tecnológicos que são tomados como uma extensão já natural do corpo humano (o BlackBerry último modelo requeria toda a atenção de seu dono). A estas questões, Bauman comenta que o BlackBerry é um caso particular do modo como foram objetificadas as relações humanas: a troca por um modelo sempre melhor - efetuada sem remorsos - é parábola dos laços afetivos frouxos:

Contudo, o que talvez seja mais importante, ele “não faz cenas terríveis quando é substituído por um objeto ainda mais sexy e fica largado numa gaveta”. Você ouviu o BlackBerry Pearl chorando sem parar, ou praguejando/xingando em seu caminho para a lata do lixo? Não ouviu, com toda a certeza. Ninguém ouviu. Então, por que João ou Maria não se comportam de maneira mais parecida com o BlackBerry Pearl quando chega sua hora de partir? (BAUMAN; MAZZEO, 2020, p. 74).

Com relação à visceral troca de mensagens, os novos hábitos do *messaging* e *twittering*, novamente Bauman e Mazzeo tocam no assunto da simplificação da escrita, a qual conduz a uma simplificação da linguagem que, por sua vez, solapa tanto as expressões da afetividade quanto a possibilidade de ler o mundo. O oitavo capítulo, *Metáforas do século XXI*, é, como o nome sugere, um estudo desta figura de linguagem. Os autores destacam que “quando a realidade muda de maneira importante e não há palavras para captar as novas imagens que surgem diante dos nossos olhos (...), as metáforas podem nos socorrer” (BAUMAN; MAZZEO, 2020, p. 68): um exemplo desta potencialidade é a expressão “modernidade líquida”, cunhada por Bauman, que teve a força figurativa de representar algo até então inominado.

Mazzeo cita, então, o livro *Lo schermo, l'Alzheimer, lo zombie: tre metafore del XXI secolo*⁶, do professor italiano de literatura Stefano Tani. Esta obra propõe três

⁶ Até o momento, sem tradução para a língua portuguesa.

interessantes metáforas sobre o comportamento do indivíduo na sociedade atual. A primeira, *a tela*, representada sobretudo pela compulsão das *selfies*, problematiza o fato de que cada pessoa, “tendo excluído a sociedade, só está consigo mesma, só se sente segura consigo mesma, num mundo descrito e percebido como cada vez mais ameaçador e hostil” (BAUMAN; MAZZEO, 2020, p. 68), no qual a tela é praticamente um espelho que representa a extensão mais protetora de cada um. A segunda, o *Alzheimer*, representa um processo de esvaziamento à medida que as pessoas delegam, cada vez mais, sua memória aos seus aparatos tecnológicos (salvam, neles, os números de seus documentos, suas senhas, o telefone de seus contatos e, até mesmo, suas caras recordações, como músicas, fotos e poemas favoritos) – sobre este hábito, Mazzeo aponta que qualquer invenção ou tecnologia, ao mesmo tempo em que é uma extensão do nosso corpo físico, é, também, uma autoamputação de algum membro ou faculdade. A terceira metáfora, *o zumbi*, é baseada no filme *Despertar dos mortos* (1978), do cineasta italiano George A. Romero, e alude, certamente, ao consumismo:

Nesse filme, os zumbis, que, como Lázaro, não estão completamente mortos, mas tampouco completamente vivos, sentem um desejo irresistível de voltar ao lugar de que mais haviam gostado durante suas vidas, o shopping center, e é lá que são vistos, cambaleantes e repulsivos por alguns homens sobreviventes que voam sobre o local em helicóptero. Um deles pergunta: “O que eles estão fazendo? Por que vieram para cá?” E o outro responde: “Algum tipo de instinto. Memória do que eles faziam. Esse lugar foi importante na vida deles” (BAUMAN; MAZZEO, 2020, p. 91).

Bauman, que confessa que não conhecia as metáforas de Tani - porém ressalta a perspicácia do autor em apontá-las -, sublinha que estas três metáforas do século XXI dizem respeito ao ego, do mesmo modo que as metáforas já conhecidas de Pigmaleão e Narciso, ambas baseadas na mitologia grega: Pigmaleão teria se apaixonado pela escultura da mulher perfeita que ele mesmo fez, com quem se casa depois que Afrodite se apieda dele e dá vida à sua obra de arte; Narciso apaixona-se pela sua própria beleza, quando se vê refletido num rio, e, adorador da própria imagem, acaba caindo neste e morrendo. Tanto Pigmaleão quanto Narciso anseiam por terem seus próprios desejos contemplados e, na atualidade, este desejo está simbolizado pelo consumo tanto de bens palpáveis (a estátua

de Pigmaleão) quando de não palpáveis (a beleza de Narciso). O nono capítulo tem, por título, *O risco da tuitatura*. A discussão parte da metáfora criada pela escritora croata Dubravka Ugrešić, autora do livro *Karaoke Culture*⁷, segundo a qual o mundo atual é um grande karaokê (palavra japonesa que significa “orquestra vazia”). Para a escritora, o planeta está cheio de pessoas que agarram um microfone para cantar sua versão pessoal da canção de outro alguém, sendo que não importa que não conheçam nem o cantor original, nem corretamente a música: só não vale parar de cantar.

Também, sobre a ideia de apresentar novas obras a partir de modelos copiados, sem preocupação com a qualidade resultante, Mazzeo pontua o que chama de tuitatura: obras com escrita truncada e rasa que aparecem em blogs, romances escritos diretamente para o telefone celular (muito comuns no Japão) e narrativas “requentadas” (como *Little vampire women*⁸ e *Alice in zombieland*⁹). Mazzeo é enfático ao advertir:

Afinal, se os clássicos literários são repetidamente saqueados, desmembrados e tornados “compatíveis” com a falta de cultura e o gosto vacilante de leitores desencaminhados (...), logo as únicas obras dignas de serem publicadas serão a *tuitatura*, que já tem milhões de leitores em redes sociais (BAUMAN; MAZZEO, 2020, p. 104).

A partir desta ideia de “seguir o modelo” e construir uma versão canhestra desse, Bauman e Mazzeo conversam sobre os avatares dos jogos e perfis virtuais. Para Bauman, o avatar é pensado para propiciar

(...) a eliminação gradual da maldição da finalidade e do caráter consequencial de escolhas, decisões, engajamentos e empreendimentos; foi acabar com “escolhas fatídicas” e manter a trajetória da pessoa a uma distância segura dos “pontos de não retorno”; foi a redução drástica - e, num número crescente de casos, a eliminação - dos riscos vinculados a escolhas e decisões; foi a possibilidade crescente de retornar ao ponto de partida, depois de uma rodada malsucedida, e de recomeçar enquanto se apagam os registros de começos em falso do passado (BAUMAN; MAZZEO, 2020, p. 107).

⁷ Até o momento, sem tradução para a língua portuguesa.

⁸ Reapropriação, até o momento, sem tradução para a língua portuguesa, do livro *Mulherzinhas*, de Louisa May Alcotte.

⁹ Reapropriação, até o momento, sem tradução para a língua portuguesa, do livro *Alice no país das maravilhas*, de Lewis Carroll.

Dito de outro modo, a “avatarização” afrouxa os laços das responsabilidades, pois permite sempre um recomeço, uma nova vida; um avatar pode ser trocado por outro, customizado com atributos e características não reais, abandonado quando se tornar uma desilusão. Sobretudo, “a avatarização e reavatarização incessantes, cada avatar sucessivo chegando perto da perfeição e exigindo o próximo exercício de transmutação, são o remédio mais seguro e eficaz contra a ameaça de um ‘consumidor satisfeito’” (BAUMAN; MAZZEO, 2020, p. 109). O décimo capítulo, *Seco e úmido*, discute as amarras ideológicas do fascismo, a partir do livro *La legge dell’odio*¹⁰, do italiano Alberto Garlini. Sobre seu personagem principal, Stefano, Mazzeo fala que ele é capaz de despertar, no leitor, sentimentos de afeto, apesar de ser extremamente violento e atuar num movimento totalitário, ao qual se integra a partir de uma vida de privações. Bauman comenta que o fascismo é uma atitude cultural antropológica, isto é, que vomita o diferente, que não aceita o outro em seu meio. Tal rejeição se dá, segundo ele, sobretudo pelas condições existenciais de incerteza, insegurança e desamparo que fazem com que um grupo sinta o outro como inimigo. O sociólogo adverte para uma vertente contemporânea do fascismo que é a “indústria de adiaforização” - termo que ele resgata da sua obra *Cegueira moral*, que configura o processo de descaso com o outro, com suas vivências, culturas e histórias -, a qual “nos dias atuais nos marca a todos como empregados ou candidatos a emprego” (BAUMAN; MAZZEO, 2020, p. 121). No último capítulo, *Educação, literatura, sociologia*, os autores fazem um resgate da ideia principal do livro e falam sobre

(...) a dificuldade de transmitir conhecimento, o que só pode ser concretizado pela transmissão do *amor pelo conhecimento*. Em minha opinião, o amor pelo conhecimento necessita de um território fértil, rico em livros e livre de pedantismos burocráticos (BAUMAN; MAZZEO, 2020, p. 132-133).

Apesar da ampla discussão, que perpassa vieses da literatura interconectada com várias outras áreas do conhecimento humano, ao final os autores ainda se questionam se a Arte e a Sociologia são capazes de mudar o mundo. Bauman não tem, para isso, uma resposta pronta, mas retoma uma das suas discussões sobre o dilema de nossa época se resumir “na negligência, na recusa ou na incapacidade aprendida de questionar” (BAUMAN; MAZZEO, 2020, p. 138). Não questionar - também não se autoquestionar - é o

¹⁰ Até o momento, sem tradução para a língua portuguesa.

extremo máximo da passividade e, sem exercer o protagonismo da própria vida, o indivíduo perde a experiência de viver: suas sensações de prazer resumem-se à troca de tudo que pode comprar, compulsivamente, o que leva à depressão e à neurose, dentre outras doenças dos nossos tempos. O antídoto pode vir das palavras, estejam elas na literatura ou nos textos de sociologia, pois as palavras evocam situações, fazem pensar, representam o mundo - em alguns aspectos até o traduzem para uma forma mais palatável - e, por isso,

Formular essas e outras questões existenciais básicas e trazê-las de volta à agenda pública são a vocação compartilhada pela literatura e sociologia. Dedicar-se a essas questões une os dois empenhos criativos - torna-os complementares e sentenciados à cooperação perpétua e à inspiração mútua (BAUMAN; MAZZEO, 2020, p. 143).

Ao término desta leitura, agigantaram-se não só meus conhecimentos sobre temas centrais na obra de Bauman, aqui retomados brilhantemente, quanto minha lista de livros a ler. Coloco-me em acordo com os autores sobre a potencialidade da literatura para comunicar distintos cenários, fomentar novas ideias, desvelar o olhar tão habituado à pasteurização do cotidiano. Como professor, o livro possibilitou-me ir mais a fundo em temáticas sobre exclusão escolar, comportamentos sociais, regimes autoritários, consumo e novas tecnologias; todas essas perpassam - como conteúdos ou como componentes secundários de nossas ações - o ambiente escolar. Se, tomadas separadamente, a Sociologia e a Literatura já instigam e aguçam o pensamento, juntas elas têm seu potencial multiplicado. O modo como elas podem ajudar o indivíduo a questionar e compreender seu lugar na sociedade talvez seja uma explicação para o fato de os livros, que já circulam pouco em nosso país, estarem, neste momento, ameaçados de serem sobretaxados. Numa corrente de resistência, sugiro que nós, professores, voltemos o olhar também à literatura brasileira, a fim de que ela nos ajude, ainda mais fortemente, a compreender nossa realidade nacional.

REFERÊNCIAS:

BAUMAN, Z.; MAZZEO, R. **O ELOGIO DA LITERATURA**. Tradução de Renato Aguiar. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2020.